

O bairro do Monte Pedral em 1900

O ano de 1899 ficou marcado por um conjunto de episódios importantes para a compreensão da condição do alojamento operário portuense na transição do século: no princípio desse ano edita-se o livro *Demographia e Hygiene da Cidade do Porto*¹, do médico Ricardo Jorge (1858-1939); no Verão obtêm-se a prova epidemiológica de um surto mortal de peste bubónica; consequentemente, é decretado um cordão sanitário à cidade com repercussões graves na economia local; em Novembro, os republicanos ganham o círculo do Porto nas eleições gerais para a Câmara dos Deputados; ainda nesse mês, o jornal *O Comércio do Porto* inaugura um ambicioso programa de bairros de *casas baratas* mandando construir o primeiro conjunto no lugar do Monte Pedral.

O bairro do Monte Pedral em 1900

Durante esse período de integração dos novos residentes, a urgência de habitações de baixo custo nutriu um mercado de arrendamento ancorado em formas distintas de alojamento. Por um lado, assistiu-se a um aumento da construção nova ampliando-se significativamente o fenómeno das *ilhas*, por outro, à medida que a alta e média burguesia se mudava para as novas zonas periféricas, parte do edificado existente nas freguesias centrais sofreu um processo de transformação espacial dirigido à máxima ocupação através da subdivisão e aumento até à exaustão das áreas internas. Ambas as formas corresponderam a uma densificação e a um crescimento urbano "antropofágico" que permitiu esconder do olhar público enclaves de cultura rural em condições de habitabilidade miseráveis. Em 1902, na dissertação que apresentou à *Escola Médico-cirúrgica do Porto*, Álvaro Furtado Antas caracteriza nos seguintes termos o meio em que nessa época vivia o operariado portuense:

O bairro do Monte Pedral em 1900

O bairro do Monte Pedral

À medida que se avançava na implementação dos bairros outras condições se irão revelar, fornecendo leituras mais abrangentes sobre a operação. Em notícia de 1905, decorria nas Antas a fase final da construção do terceiro bairro, lia-se:

O bairro do Monte Pedral em 1905

"Em todos esses tipos [de casas] houve a preocupação de criar habitações acomodadas ao nosso clima e ao nosso meio social, sem se perderem de vista os requisitos a que, segundo as opiniões expressas por higienistas, por sociólogos e por arquitectos, em livros e congressos, devem satisfazer as casas baratas, para realizarem completamente o fim útil e humanitário a que se propõe".²¹

O bairro do Monte Pedral em 1905

Aparentemente acidentais e contingentes à obra em curso, os extractos transcritos indiciam uma proposta de actualização nacional de modelos e práticas efectuada à luz de certas soluções que desde meados de Oitocentos, por acção filantrópica, haviam sido experimentadas na Europa mais industrializada.

Neste contexto, a situação francesa foi particularmente observada. Oposto à ideia de colectivização veiculada pelo falanstério *fouriense*, o sucesso das *Cités Ouvrières*²² tinha originado um movimento que na sua diversidade elegia orgânicas de financiamento e construção de direito privado (cooperativas, fundações ou sociedades de capitais) capazes de, preferencialmente, formar bairros a partir de pequenas propriedades individuais e dotá-las com tipos habitacionais que favorecessem a vida familiar isolada. O relatório produzido em 1889 a propósito da 11ª Secção (Habitação Operária), integrada no *Groupe de l'économie sociale* da Exposição Universal de Paris, é esclarecedor sobre as qualidades da casa unifamiliar com jardim:

"Nous l'avons vu au début, la maison ne contenant qu'une famille, ayant auprès d'elle un champ cultivé, verger ou jardin, est la forme naturelle de l'habitation. Toutes les autres sont plus ou moins artificielles, dues à des circonstances spéciales et n'assurant pas à l'homme le complet développement de ses forces. L'indépendance de la famille y est plus

assurée; les enfants y grandissent en meilleur air, le jardin leur permet de s'ébattre. Le père, rentrant de son travail, s'intéresse à la culture ; il y consacre ses loisirs".²³

1905

É uma preferência que decorre directamente do êxito de modelos empregues nalguns centros industriais como Mulhouse (Alsácia) ou Noisiel (Île-de-France). Mas é também uma eleição que emerge do longo caudal de estudos teóricos oriundos da Higiene, da Economia Social e da Moral e cujo favorecimento da casa simples e pastoral não pode também ser alheado de uma corrente mística que via na antítese *urbano vs rural* uma simbologia maniqueísta onde "o dinheiro fácil" possível na cidade se contrapunha ao ganho arduamente no campo com o "suor do corpo".²⁴

1905

Assim, quando em 1899 os proprietários do jornal defendem no texto da escritura de construção do *Bairro do Monte Pedral* que os conjuntos habitacionais seriam "[...] *dotados com as máximas condições higiénicas e organizadas em harmonia com os melhores modelos destas fundações no que forem adaptáveis no nosso país*"²⁵, clarifica-se toda esta rede de afinidades internacionais onde a arquitectura do bairro se irá instalar.

1905

Desde 1880 o jornal portuense *O Comércio do Porto* desenvolvia acções filantrópicas diversas a favor das classes pobres da cidade financiadas sobretudo com o resultado de subscrições públicas que o próprio diário animava. Compreende-se que, quer alguma agitação operária²⁶, quer a relação directa entre a fatal epidemia e as débeis condições de habitabilidade no centro da cidade, tenham, em definitivo, estimulado a promoção do primeiro bairro. Essa agilidade, experiência e interesse, será responsável pela invulgar celeridade e eficácia do processo.

A colocação da pedra fundadora do Bairro do Monte Pedral foi rodeada de todo o aparato festivo capaz de despertar todos os interesses naquele Domingo de Novembro de 1899. Para aquele lugar inóspito nos arrabaldes da cidade, o jornal mobilizou os mais ilustres representantes das instituições da cidade e

1905

21 Artigo escrito a propósito dos elogios tecidos à iniciativa do jornal pelo Ministro das Obras Públicas e da Justiça, João de Alarcão, quando apresentou uma proposta de lei para a promoção de bairros operários (Proposta de Lei nº10BB, Diário da Câmara dos Senhores Deputados – Sessão nº19 de 22 de Agosto de 1905, pág.15). Notícia em *O Comércio do Porto*, 29 de Novembro de 1905.

22 Este movimento será formalmente instituído na Exposição Universal de Paris de 1889 aquando da realização do primeiro *Congrès des Habitations Ouvrières* inserido no Grupo de Economia Social. De entre as resoluções do congresso destaca-se a constituição da *Société d’Habitation à Bon Marché* cujo objectivo geral será o de regularmente divulgar e promover acções sobre a construção de casas baratas. (Tudo isto acontece no ano em que o jovem Marques da Silva se instala em Paris para frequentar a École Nationale et Spéciale des Beaux-Arts) **23** PICOT, M. Georges, "Habitations Ouvrières". In, *Exposition Universelle. Paris.1889. Rapports du jury international*,Paris, Impremerie Nationale, 1891, p.189.

1905

24 GUERRAND, Roger-Henri, "*Sobre los Origenes del Movimiento de las Ciudades-Jardines en Europa*", in *Ciudades*. Valladolid: Instituto Universitario de Urbanística de la Universidad de Valladolid, 2000/01, nº6, p.17 **25** Arquivo Histórico Municipal do Porto, Livro de Documentos Relativos a Termos e Escrituras, 1899, fl. 344. **26** O operariado urbano, através de organizações de classe com alguma expressão havia adquirido um poder reivindicativo efectivo com tradução directa na ordem pública da cidade do Porto. Um dos casos que exemplifica essa instabilidade ocorreu em 1895 tendo como protagonista a *Associação dos Tecelões*. A greve a que parte dos 17.000 associados darão corpo rapidamente se estende a outras profissões dando origem a uma cadeia de adesões que ameaçou a paragem geral da produção têxtil portuense. In CORDEIRO, José Manuel Lopes (coord.), *Um século de indústria no Norte, 1834-1933*, Porto, Associação Industrial Portuense, 1999, p.120.

1905

27 CARQUEJA, Bento, *O Comércio do Porto: notas para a sua história*, Porto, Oficinas de O Comércio do Porto, 1944, p.193. **28** Neste período, o interesse académico e profissional dos arquitectos sobre o desenho das casas baratas é quase inexistente. Do vazio existente em Portugal destaca-se o texto "*Construções Económicas*" de Costa Goodolphim (1842-1910) publicado em 1895 no Boletim da Revista da Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses, ainda o relatório de um "Projecto para a organização d'uma sociedade promotora de habitações económicas destinadas às classes laboriosas e menos abastadas", editado em 1897 por Adães Bermudes (1864-1948) e alguns textos curtos veiculados na revista *A Construção Moderna*. Esta produção entroncava num conjunto de informação internacional mais heterogénea onde se incluía os relatórios das Exposições Universais e das Exposições de Higiene, os artigos publicados nas revistas de pendor mais técnico ou alguns manuais directamente dedicados ao tema do novo alojamento operário. Neste último caso destaca-se a popularidade atingida por *Les Habitations Ouvrières en Tous Pays* - livro editado pela primeira vez em 1878 e premiado com medalha de ouro na Exposição Universal de Paris de 1889. Estamos perante um manual de prática projectual abrangente que realça quer as características técnicas de construção como as novas oportunidades de fazer *a moderna cidade*. À luz do modelo ideal da *cidade-jardim*, esse livro

1905

as demais figuras proeminentes da sociedade portuense. A sessão foi presidida pelo bispo do Porto, D. António José de Sousa Barroso, participando directamente no acto de assentamento da pedra, o presidente da Câmara Municipal, João Baptista de Lima Júnior, e o governador civil, José Adelino Ferreira de Lima²⁷.

1905

O facto foi oficialmente testemunhado por mais de meia centena de personalidades que firmaram com a sua assinatura o auto da cerimónia. Nessa longa lista de subscritores estranha-se a ausência do nome de Marques da Silva que provavelmente nem sequer terá comparecido a tão mediático acontecimento. Independentemente dessa falta ter origem num suposto desinteresse pela obra, ou ela decorrer de qualquer outra razão maior, deve referir-se que em 1900 o desenho de habitação económica era considerado menor na prática projectual dos arquitectos formados nas Academias²⁸. A este propósito, no relatório final do júri que analisou o famoso concurso promovido pela *Fundação Rothschild* para a construção de um bairro para o operariado parisiense destaca-se um dos problemas disciplinares que o programa das casas baratas colocava à formação Beaux-Arts:

1905

"Il faut bien le dire, pour beaucoup de nos contemporains, même instruits, même intelligents, l'architecte est resté le bâtisseur de palais, de châteaux, d’hôtels de ville, etc. ... C'est un artiste, on lui accorde. Donc il n'est bon que pour les hautes sphères où l'on s’imagine que l’art évolue. Un artiste pour construire des maisons d’ouvrier? A quoi bon ! Ils vont dépenser en ornement, en toitures de chalets suisses, en tourelles, créneaux et autres fadaises les fonds, forcement restreints, dont ils disposeront, mais ils ne feront pas "du pratique"³⁰

1905

Portanto, quando na transição do século o programa da habitação económica gradualmente adquire um papel decisivo na construção da cidade, emerge com ele quer o problema de adequação instrumental daquilo que era ensinado na Academia, quer um questionamento sobre o desempenho social do arquitecto no processo de transformação da própria sociedade.

1905

Neste sentido, quando Marques da Silva se compromete com o jornal *O Comércio do Porto* no fomento de bairros operários parece ecoar nesse gesto um jogo de contradições que só o interesse na afirmação profissional do jovem arquitecto perante a elite financiadora da causa e um possível desejo de experimentação arquitectónica e urbana parecem atenuar.

1905

A rapidez do projecto e da obra do Bairro do Monte Pedral é notável e a sucessão dos factos sugere todo o pragmatismo que esteve envolvido: os desenhos definitivos, da autoria de Marques da Silva, datam de Outubro de 1899; no dia 4 de Novembro era celebrado entre o jornal e o município o acordo de cedência do terreno; a primeira pedra será colocada no dia 12 desse mês; as datas limite para apresentação de propostas das empreitadas de pedreiro, trolha, carpinteiro, vidraceiro e pintor foram fixadas, respectivamente, para os dias 20 de Novembro de 1899, 11 de Janeiro, 2 de Abril, 27 de Julho e 6 de Julho de 1900. Conforme notícia divulgada pelo próprio jornal, a obra finalizou-se em Março de 1901 procedendo-se nessa altura à atribuição das casas e à elaboração do regulamento interno do bairro.

A partir do desenho geral existente (fig. 1) verifica-se que inicialmente o empreendimento se estendia à totalidade da antiga pedreira conformada pelas ruas de Serpa Pinto, Constituição e Maria Amélia (actual Rua do Zambeze). A partir do enunciado na *Carta de Teles Ferreira* de 1892, Marques da Silva dispõe sobre uma malha ortogonal gerada a partir dos principais arruamentos sessenta e oito habitações em conjuntos distintos complementados por uma creche e vários lavadouros públicos. A associação entre as manchas de construção desenhadas e a geometria do fraccionamento da propriedade

Sobre os edifícios utilitários e económicos era impossível exercer o virtuosismo da grande composição ou do desenho ornamental. Era um facto que colidia com uma interpretação da arquitectura enquanto prática artística por via da "monumentalização" dos edifícios. Conjugava-se com esta incompatibilidade a ascensão e o estatuto social do arquitecto, tradicionalmente ligado à alta burguesia.

Portanto, quando na transição do século o programa da habitação económica gradualmente adquire um papel decisivo na construção da cidade, emerge com ele quer o problema de adequação instrumental daquilo que era ensinado na Academia, quer um questionamento sobre o desempenho social do arquitecto no processo de transformação da própria sociedade.

1905

Neste sentido, quando Marques da Silva se compromete com o jornal *O Comércio do Porto* no fomento de bairros operários parece ecoar nesse gesto um jogo de contradições que só o interesse na afirmação profissional do jovem arquitecto perante a elite financiadora da causa e um possível desejo de experimentação arquitectónica e urbana parecem atenuar.

1905

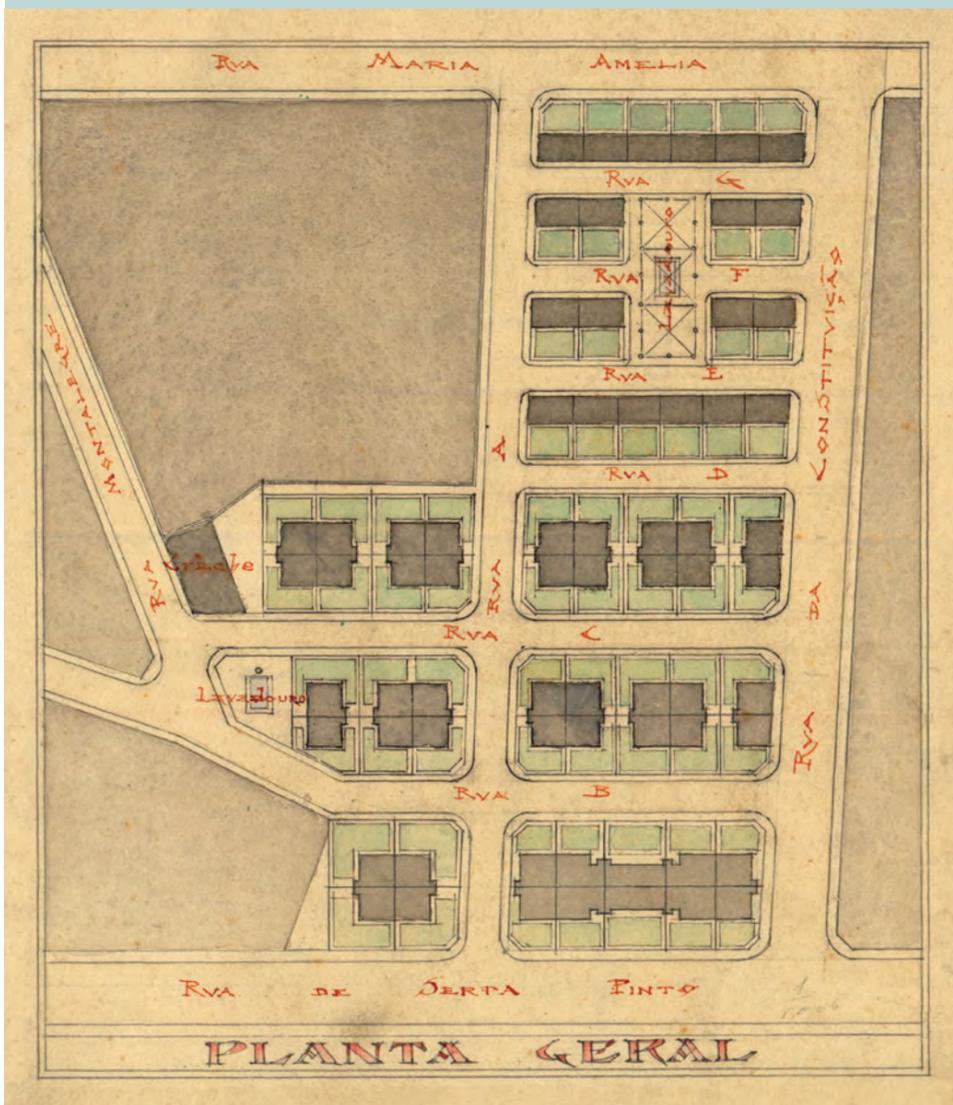
A rapidez do projecto e da obra do Bairro do Monte Pedral é notável e a sucessão dos factos sugere todo o pragmatismo que esteve envolvido: os desenhos definitivos, da autoria de Marques da Silva, datam de Outubro de 1899; no dia 4 de Novembro era celebrado entre o jornal e o município o acordo de cedência do terreno; a primeira pedra será colocada no dia 12 desse mês; as datas limite para apresentação de propostas das empreitadas de pedreiro, trolha, carpinteiro, vidraceiro e pintor foram fixadas, respectivamente, para os dias 20 de Novembro de 1899, 11 de Janeiro, 2 de Abril, 27 de Julho e 6 de Julho de 1900. Conforme notícia divulgada pelo próprio jornal, a obra finalizou-se em Março de 1901 procedendo-se nessa altura à atribuição das casas e à elaboração do regulamento interno do bairro.

A partir do desenho geral existente (fig. 1) verifica-se que inicialmente o empreendimento se estendia à totalidade da antiga pedreira conformada pelas ruas de Serpa Pinto, Constituição e Maria Amélia (actual Rua do Zambeze). A partir do enunciado na *Carta de Teles Ferreira* de 1892, Marques da Silva dispõe sobre uma malha ortogonal gerada a partir dos principais arruamentos sessenta e oito habitações em conjuntos distintos complementados por uma creche e vários lavadouros públicos. A associação entre as manchas de construção desenhadas e a geometria do fraccionamento da propriedade

1905

devia constituir-se como um instrumento pedagógico e técnico para a expansão do "movimento das cidades operárias". Constantemente reeditado, ele era provavelmente conhecido pelos que frequentaram a academia parisiense tendo sido difundido em Portugal em circuitos de interesses distintos. Os autores – Émile Muller e Émile Cacheaux (1844-1923) – auto-intitulavam-se, respectivamente, "*Architecte des Cités Ouvrières de Mulhouse & Autres*" e "*Propriétaire d’Habitations Ouvrières*". Sublinha-se que Emile Muller foi professor na *École Spéciale d’Architecture* de Paris, a instituição fundada em 1865 pelo engenheiro e higienista Émile Trélat e impulsionada com a presença de Eugène Viollet-le-Duc, em confronto directo com o tipo de ensino ministrado na École des Beaux-Arts. **29** FARGE, Laurent (org.) *Les Concours publics d’architecture, IX Année*, Paris, Libraires - Imprimeries Reunis,1906, p.3. **30** Os termos "Sistema quadripartido" ou "Habitação quádrupla" serve aqui para definir a agregação de quatro casas por rebatimento consecutivo de um módulo sendo que, cada um dos dois diedros opostos relativamente à planta formam, respectivamente, as paredes de meação (diedro interior) e as fachadas (diedro exterior). Este facto e o jogo das coberturas confere ao conjunto uma unidade que dissipa a leitura da agregação.

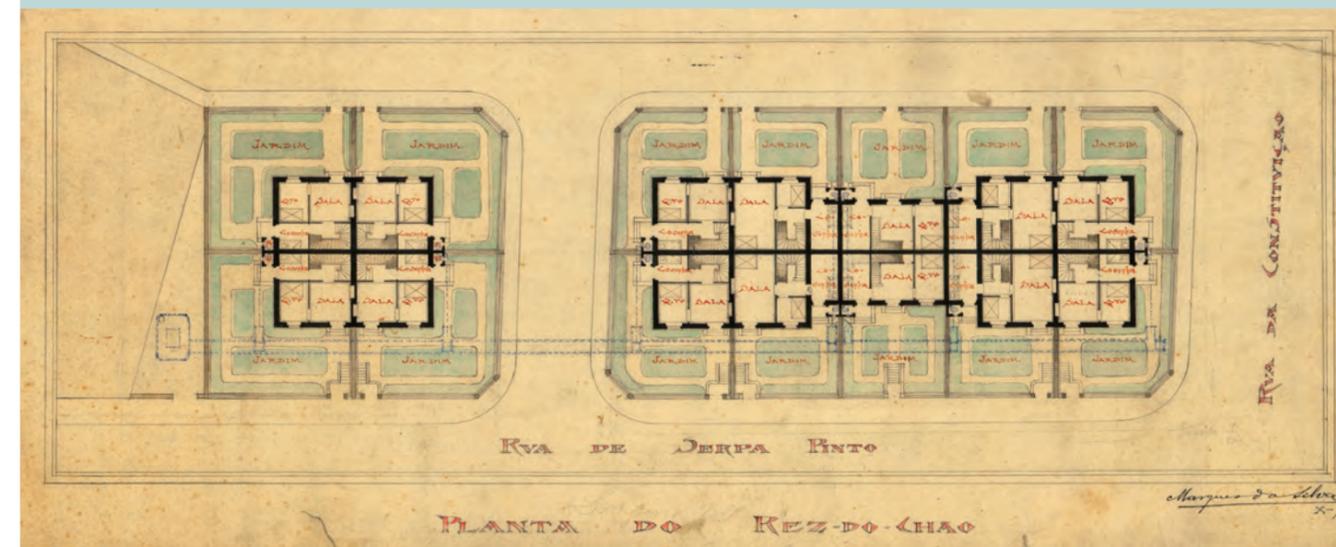
1905



1 1899, Marques da Silva, Implantação. Bairro de Monte Pedral.

indica uma preocupação em fixar no mesmo território diversos tipos de alojamento provocando uma variedade volumétrica e funcional no bairro. É visível nessa disposição uma hierarquização de elementos que adquirem um desenho mais complexo à medida que se aproximam da Rua Serpa Pinto, nesse período uma via arborizada estratégica na ligação da cidade com o Matadouro Novo. Essa estratificação é alcançada recorrendo à escolha diferenciada de soluções: da *habitação quádrupla*³¹ passa-se gradualmente para simples casas de correnteza que a Nascente formam uma praça interior.

A primeira fase do bairro "que o distinto arquitecto Sr. Marques da Silva tomou generosamente a seu cargo" era constituída por catorze *casas-jardim* associadas para formarem dois conjuntos autónomos que permitiam fechar a frente do bairro voltada para a Rua Serpa Pinto. O módulo usado é gerado a partir de uma planta quadrada de sete metros de lado onde se organizavam três compartimentos (cozinha, quarto e sala) e, no canto do diedro interior, uma caixa de escada de acesso à cave e aos dois quartos localizados nas *águas furtadas*. Completavam a casa dois espaços sanitários situados na cave e no pequeno coberto que marcava a



2 1899, Marques da Silva, Planta térrea do primeiro conjunto. Bairro de Monte Pedral.

entrada. Esta unidade mínima repetida à volta de um eixo por simetria simples caracteriza singularmente os conjuntos formados pela associação de quatro casas.

A construção que ocorreu sob gestão do jornal era constituída por três destes núcleos sendo que os localizados no gaveto formado pela Rua da Constituição e a de Serpa Pinto foram parcialmente alterados e unidos (fig. 2). Apesar do compromisso com a forma matricial, nesta parcela foi necessário desmontar o *sistema quadripartido* original ajustando-o à dimensão irregular do lote. As variantes desenhadas denotam um saber na "arte de bem compartimentar" que acabou por gerar uma terceira gama de habitações com áreas superiores a cem metros quadrados. Este facto, inaudito no panorama da habitação operária, cujo padrão para este tipo superior se situava nos oitenta metros quadrados³², desnivela o que seriam as expectativas do promotor em acolher o maior número de famílias da intencionalidade em produzir uma arquitectura tendente a simular a escala e os jogos volumétricos da casa burguesa.

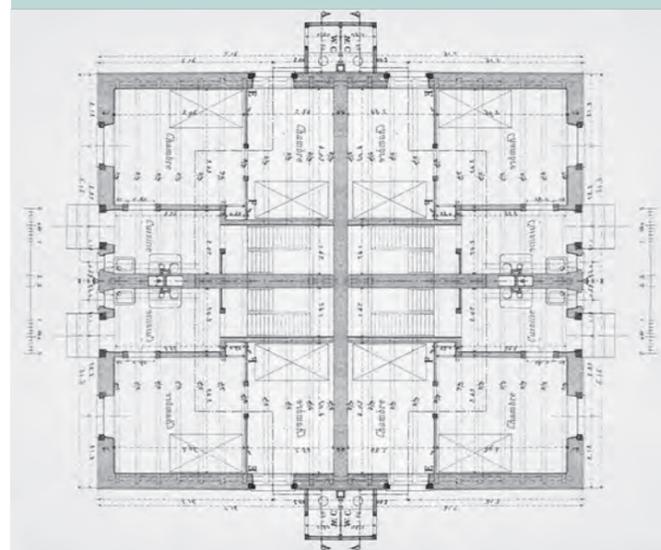
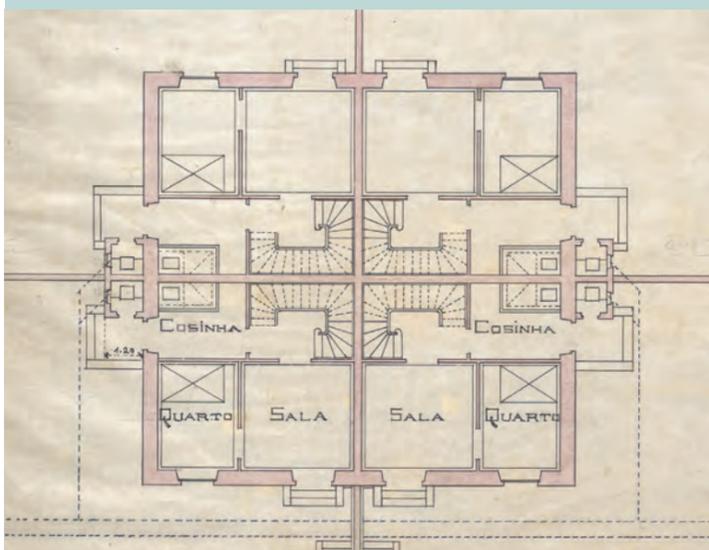
A solução que Marques da Silva apresenta para as habitações identifica-se com um modelo muito divulgado na época no

contexto do movimento das cidades operárias europeias – o denominado *type mulhousien* (fig. 3). O sucesso desta solução deveu-se não só à sua capacidade de compatibilizar os critérios de higiene ligados à circulação do ar e à exposição solar, mas também com o facto da forma se aproximar da imagem da casa isolada burguesa reproduzindo a sua dimensão volumétrica e paisagística. A partir de 1854 este género de casa foi utilizado regularmente na construção da já referida cidade de Mulhouse que teve como principal mentor Émile Muller, engenheiro e professor na *École Spéciale d'Architecture* e na *École Centrale des Arts et Manufactures* de Paris³³. Muller indicava a *habitação quádrupla* como sendo o tipo mais vocacionado para alojar os contramestres e quebrar a monotonia das casas operárias vulgares. Representaria uma gama alta de alojamento que obrigava a mais ruas, a lotes maiores e exigia um maior controle sobre os inquilinos porque qualquer desleixo de uma das partes comprometia a unidade do conjunto. Apesar da visibilidade dada a esta solução, na cidade operária alsaciana recorreu-se maioritariamente a outro tipo de alojamento explorando um paralelismo entre hierarquia social, diversidade tipológica e ordenação urbana. Esta discriminação sócio-espacial parece

³¹ A título comparativo informa-se que as casas deste tipo construídas em Mulhouse tinham 82 m². Mais díspares são as áreas fixadas nos outros dois bairros do Comércio do Porto: 66 m² em Lordelo do Ouro e 51 m² na tipologia mais usada nas Antas.

³² Ver final da nota XXVIII.

³³ CARDOSO, António, *O Arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX*, Porto, Faup-publicações, 1997, p.119.



3 Marques da Silva, *Planta térrea de um conjunto de quatro casas do Bairro Monte Pedral* (extracto do primeiro desenho de 1899); Émile Muller, *Planta térrea do "type mulhosien"* (planta composta pelo autor a partir do desenho publicado em 1889 no livro *Les habitations Ouvrières en Tous Pays*).



4 1939, *Faseamento e limite da intervenção sobre imagem aérea do Bairro de Monte Pedral*.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, António, *O Arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX*, Porto, Faup-publicações, 1997.

CARQUEJA, Bento, *O Futuro de Portugal*, Porto, Livraria Chandron, 1900.

CARQUEJA, Bento, *O Comércio do Porto: notas para a sua história*, Porto, Oficinas de O Comércio do Porto, 1944.

CORDEIRO, José Manuel Lopes (coord.), *Um século de indústria no Norte, 1834-1933*, Porto, Associação Industrial Portuense, 1999.

GUERRAND, Roger-Henri, *Les Origines du Logement Social en France, 1850-1914*, Paris, Éditions de la Villette, 2010 (1ªed. 1987)

JORGE, Ricardo, *Demographia e Hygiene da Cidade do Porto. Tomo I – Clima, População, Mortalidade*, Porto, Repartição de Saúde e Hygiene da Câmara do Porto, 1899.

MOLEY, Christian, *L'Immeuble en Formation. Genèse de L'habitat Collectif et Avatars Intermédiaires*, Liège, Pierre Mardaga, 1991.

MULLER, Émile, CACHEUX, Émile, *Les Habitations Ouvrières En Tous Pays*, Paris, J. Dejeu & Cie, Imprimeurs – Éditeurs, 1879.

PICOT, M. Georges, "Habitations Ouvrières". In *Exposition Universelle, Paris, 1889. Rapports du jury international*. Paris: Imprimerie Nationale, 1891.

RAMOS, Rui, A Segunda Fundação (1890-1926). In MATTOSO, José (dir), *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, Vol. VI (2001).

RODRIGUES, Teresa F., FERREIRA, Olegário A. Vieira, "As cidades de Lisboa e Porto na viragem do século XIX: características e sua evolução demográfica: 1864-1930". In *Revista de História*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Universidade do Porto. Vol. XII (1993).



5 [c. 1904] *Segunda fase da construção do Bairro do Monte Pedral*.

ter sido transportada para a estrutura originalmente pensada para o Bairro do Monte Pedral. Deste modo se justificaria a eleição de uma solução dispendiosa dando resposta a uma orientação previamente tomada para albergar trabalhadores de média e alta patente, conforme aliás sucedeu.

Em 1904, suportados por uma subscrição promovida pela Câmara Municipal junto de emigrantes no Brasil, serão acrescentados ao bairro três conjuntos de quatro habitações, somando-se os vinte e seis fogos definitivos (fig. 4 e 5). Ainda sob a responsabilidade de Marques da Silva, agora arquitecto municipal, o projecto desta última fase dará continuidade ao estabelecido nos desenhos de 1899, substituindo-se unicamente as caves por caixas-de-ar de ventilação do soalho devido, provavelmente, à dificuldade na abertura dos caboucos imposta pela natureza do terreno.

Sobre a aridez das pedreiras desactivadas, num território dominado pelo edifício inacabado do Quartel e pela grande massa das naves da Companhia Fabril de Salgueiros localizada a Nascente, surgia uma arquitectura anacrónica que usava elementos extraídos da ruralidade francesa em clara ruptura de escala com o modesto casario vizinho.

A escala intermédia que é introduzida naquele lugar e as premissas higienistas que fundamentaram aquela arquitectura admite que se faça algum paralelismo com o processo de crescimento de zonas residenciais para a burguesia em outros territórios também periféricos à cidade histórica. Veja-se, por exemplo, a formação da Rua Álvares Cabral iniciada em 1895 a partir do loteamento da Quinta de Santo Ovídio. É um caso característico dos processos de regularização da cidade com vista à sua "higienização"; o investimento residencial neste lugar foi essencialmente promovido por famílias burguesas antes instaladas no antigo núcleo e insere-se num fenómeno mais alargado de *gentrificação* do território pela fuga das classes privilegiadas à cidade contaminada, a favor de uma ocupação adjacente dispersa por loteamentos regidos pela nova normativa urbanística.

Essa mesma necessidade de controlo sobre o construído e de afastamento ao centro arrastará consigo uma outra forma de "residencialização" da classe operária. Em faixas de transição entre o rural e o urbano, esquecidas pelo interesse imobiliário, serão erigidas as novas soluções de baixa densidade que, conforme refere António Cardoso, se constituiriam "mais como paradigma

do desejo do que o sinal de reiteradas iniciativas do poder central e municipal que tardarão". Contudo foi possível introduzir na cidade uma nova gama de habitação corrente e barata. A partir daí a *casa económica unifamiliar isolada com jardim* será sucessivamente renovada e afirmada como valor moral e social estável. Essa ideia que associa um tipo habitacional a um programa ideológico irá mais tarde confluir no Estado Novo, convocando-se aí o problema, por enquanto ausente, da aplicação à arquitectura de uma gramática formal correspondente a um *estilo nacional* superiormente estabelecido.

Em resumo podemos afirmar que na acção filantrópica do *Comércio do Porto* se clarifica uma estratégia de intervenção social e política que promoverá uma *arquitectura barata*, disciplinada pelo habitar mínimo, uma *arquitectura do desejo* que premeia os mais competentes e morigerados criando hábitos de ordem e de higiene, e uma *arquitectura modelo* que integra os princípios modernos de salubridade e da acomodação, possível de se reproduzir na cidade.